

ARTESANATO

04

Biojóias nas vitrines

PRODUTOS DE SEMENTES E FIBRAS COMEÇAM A SER CONTROLADOS PARA EVITAR IMPACTOS AMBIENTAIS

Desempregada e sem perspectivas profissionais, a designer brasileira Suzana Rodrigues descobriu, há quatro anos, que tinha nas mãos uma ótima oportunidade de negócios, ao receber do pai um punhado de sementes vermelhas de tento, extraídas na fazenda da família, no Cerrado de Goiás. "Aproveitei o material para fazer cintos e passei a pesquisar outros tipos de sementes para aplicação em bijuterias", conta. Hoje, Suzana é empresária, dona da Arte Brasil Bijuterias e Acessórios, empresa que trabalha com 40 espécies de sementes obtidas em diferentes regiões do país. Com um diferencial importante: as "biojóias" são produzidas com a participação das presidiárias da Penitenciária Feminina do Distrito Federal. Até hoje, mais de 300 mulheres foram capacitadas para o trabalho.

O potencial do mercado é grande. Belas, exóticas e resistentes, as sementes extraídas da Amazônia, da Mata Atlântica e do Cerrado estão na moda. Compõem colares, brincos, pulseiras, anéis e inúmeros acessórios que hoje se destacam nas vitrines das lojas de grandes cidades. A coleta do material na natureza tem sido importante alternativa de renda para as comunidades nativas, mas a grande quantidade de tipos de artesanato começa a preocupar. Até que ponto o extrativismo de sementes pode levar à extinção de espécies vegetais?

A preocupação vale tanto para sementes como para fibras, material de cestos, jogos americanos, chapéus e muitos outros produtos artesanais. Para evitar o uso excessivo da matéria-prima natural e aplicar métodos adequados de coleta, garantindo o suprimento de sementes para o sustento das gerações futuras, o Sebrae reuniu parceiros com o objetivo de definir regras ambientais para o artesanato. O projeto do Grupo de Trabalho de Certificação de Sementes e Produtos Artesanais, criado pela instituição, visa encontrar uma maneira de conferir um selo de qualidade ambiental aos produtos explorados sem a destruição da natureza. O Acre é o único estado que tem normas para o controle dessa atividade.

Sem riscos de extinção

Praticada de maneira inadequada, a coleta não deixa no solo as sementes que regeneram naturalmente o bioma. "Se não houver cuidados na exploração, a capacidade reprodutiva da floresta pode ser comprometida, com risco de extinção de algumas espécies", adverte Jorge Rincón, coordenador do grupo, que reúne instituições de todos os estados da Amazônia. A idéia é subsidiar novas políticas para o setor e expandir os resultados desse trabalho para todo tipo de extrativismo destinado à produção de artesanato no país. Um dos parceiros do projeto, o Museu Paraense Emílio Goeldi, de Belém, estuda 486 tipos de sementes. Parece muito, mas o trabalho está apenas no começo. Calcula-se que, na Amazônia, existam 170 mil variedades. ■

Fibras naturais são utilizadas em cestos, chapéus e outros produtos



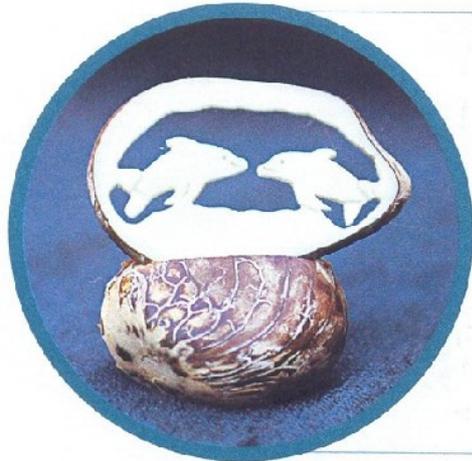


TOM BRAZ

Empresa que faz bijuterias trabalha com 40 espécies de sementes

A beleza do marfim-vegetal

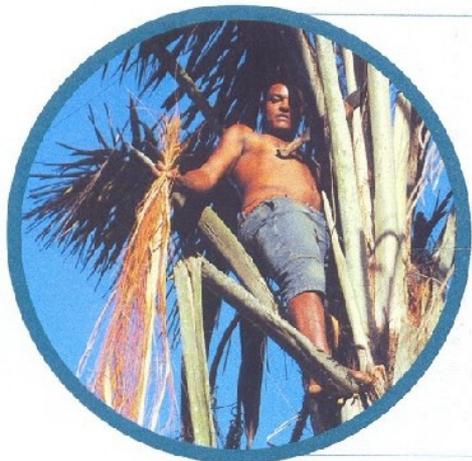
A semente de jarina, também conhecida como marfim-vegetal, é uma das mais apreciadas pelo mercado. Como demora quatro anos para germinar, a variedade corre maior risco de extinção. O motivo é simples: como o preço do material aumentou mais de 20 vezes, a exploração vem ocorrendo em grandes quantidades. Em São Luis do Remanso, no Acre, a semente é extraída a partir de critérios ecológicos que garantem a preservação da espécie, gerando renda a longo prazo para a população. A comunidade abriga, desde 1998, uma das primeiras experiências de manejo florestal de uso múltiplo da Amazônia, no qual o conhecimento tradicional dos extrativistas se une ao aprendizado técnico. Além do artesanato, as sementes são vendidas também para projetos de reflorestamento.



DIVULGAÇÃO/GIA

Vassouras ecológicas

Comunidades descendentes de antigos quilombos, localizadas na Área de Proteção Ambiental do Pratigi, no Baixo-Sul da Bahia, retiram da Mata Atlântica o principal sustento das famílias: a piaçava, fibra com a qual produzem vassouras e outros objetos. Como a palmeira que fornece a fibra precisa de sombra para viver, a floresta é preservada com cuidado pelos moradores. Com apoio da Fundação Odebrecht, os extrativistas montaram uma cooperativa para reduzir a dependência dos grandes plantadores, donos das terras onde existem árvores de piaçava, e obter melhores preços para o produto. Na Casa Familiar Agroflorestal, os jovens aprendem técnicas ecológicas de extrativismo e de produção de artesanato, preservando as tradições herdadas dos antigos escravos.



MARCELO MARAGNI

Além do chapéu de palha

As mulheres do vilarejo de Igarassu-Mirim, município de Massapé (CE), encontraram novas aplicações para a palha de carnaúba, palmeira muito comum no Estado. Além dos tradicionais chapéus, vendidos a R\$ 0,20 cada um, as artesãs foram treinadas pelo Sebrae para produzir bolsas, jogos americanos e cestos, com os quais conseguem ganhar até R\$ 7 por peça. Com apoio da instituição, passaram a frequentar feiras de negócios em outras regiões do país. Perto dali, no município de Mucambo, o artesão Gilmar Martins produz tecelagem misturando fios de algodão a fibras como a palha da bananeira, do babaçu e da juta. Por conta da beleza e qualidade das peças, o artesão se tornou professor: em 2006, viajou para a ilha de Cabo Verde, na costa da África, para dar um curso de 40 dias aos produtores locais.



DIVULGAÇÃO/SEBRAE